

Data: 03.08.2019

Título: Menos alunos, professores mais velhos e o privado a ganhar peso

Pub: **Expresso**

**QuickCom**  
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 23

## EDUCAÇÃO

# Menos alunos, professores mais velhos e o privado a ganhar peso

Estatísticas mais recentes da educação traçam a evolução desde o início do século. O **sistema encolheu** e diversificou-se: **42% dos alunos seguem cursos profissionais**

Área: 1129cm² / 87%

FOTO Titagem: 123.400

Cores: 4 Cores

ID: 6555971

Texto **ISABEL LEIRIA**  
 Infografia **SOFIA**  
**MIGUEL ROSA**

Começamos por este número: nos últimos nove anos, o sistema de ensino perdeu mais de 427 mil alunos, desde o pré-escolar até ao secundário. Apesar do alargamento da escolaridade obrigatória até ao 12º ano, a redução da natalidade registada desde o início do século deixa inevitavelmente as suas marcas nas escolas. A seguir serão as universidades a sentir o efeito. Mas, para já, é da educação não superior que o último relatório da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) traça o retrato.

O que os números revelam é um sistema mais encolhido, com um problema sério de envelhecimento do corpo docente, mas também com alguns ganhos de eficiência. O período em análise começa em 2000 e termina no ano letivo 2017/18.

### Quebra de 22% no 1º ano

É um dos gráficos que mais salta à vista no relatório da DGEEC: a evolução do número de crianças no 1º ano da escola é uma linha com uma só direção. A partir de 2006, ano em que o sistema registou quase 122 mil entradas, foi sempre a descer durante 10 anos, acabando por

estabilizar, entre 2016 e 2018, nas 95 mil crianças. São menos 22% numa década.

Se olharmos para o conjunto dos níveis de ensino, do pré-escolar ao secundário, as perdas acumuladas são ainda maiores. Desde o início do século houve dois anos em que o número de matriculados superou os 2 milhões, com um máximo em 2008/09. De então para cá, reduziu-se em 427 mil. Foi também naqueles dois anos que as escolas contaram com mais professores, chegando quase aos 180 mil educadores de infância e docentes. Agora rondam os 147 mil.

Quanto ao número de estabelecimentos de ensino, o panorama também mudou consideravelmente. A redução de crianças, sobretudo no interior, e a política de fecho de escolas do 1º ciclo do ensino básico (antigas primárias) de pequena dimensão determinaram um corte na rede para menos de metade. Em 2000/01 estavam em funcionamento 14.500 estabelecimentos públicos. No ano letivo passado não chegavam a 6 mil. Já entre os colégios, entre fechos e aberturas, o saldo manteve-se praticamente igual, com uma oferta de 2600.

### Pré-escolar ainda não é para todos

Os benefícios decorrentes da frequência da educação pré-escolar, na capacidade de aprendizagem e desenvolvimento, por exemplo, estão comprovados. O Estado tem vindo a alargar a rede, e cada vez mais os pais inscrevem os filhos em jardins de infância logo a partir dos 3 anos. Mas não só a evolução das taxas de escolarização tem desacelerado (e até regredido) como a oferta estatal está ainda muito longe de dar resposta a todos, sobretudo nas áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto.

Pouco mais de metade das crianças entre os 3 e os 5 anos frequentam jardins de infância públicos e, por isso, gratuitos. Outros 30% estão em instituições particulares de solidariedade social e têm de pagar parte do custo, com as mensalidades a chegarem aos 300 euros. Os restantes estão em jardins de infância privados. O Governo prometeu assegurar a gratuidade da oferta até aos 3 anos até 2020, mas o compromisso não será cumprido. Pelo menos em todo o país.

É impossível saber se os custos associados à frequência deste nível de ensino têm alguma interferência — Portugal está entre os três países da OCDE onde o financiamento assegurado pelos pais é o mais alto — na redução da taxa de pré-escolarização aos 5 anos. O país já tinha superado a meta europeia de ter 95% desta população a frequentar um jardim de infância (chegou aos 98% em 2011). Mas a percentagem tem caído e está agora nos 94%.

### Colégios mais procurados

Passados os anos da crise, o sector privado voltou a ganhar peso no sistema, tornando-se a escolha de mais famílias. Excluindo a educação pré-escolar, a percentagem de alunos matriculados em colégios aumentou em todos os ciclos do ensino básico e secundário.

Globalmente, em 2000/01, a percentagem de alunos no privado correspondia a 11,8%. No ano letivo passado era de 15,3%. É no ensino secundário que o seu peso relativo é maior, com um cada cinco estudantes (21,3%) a pagar para frequentar um estabelecimento privado. No início do século, esse valor ficava nos 16,8%.

### Insucesso em mínimos históricos

É um dos aspetos que tem marcado de forma negativa as estatísticas nacionais. Mas as altas taxas de retenção têm vindo a cair, fixando-se agora em mínimos históricos. O ponto de partida era particularmente negro no ensino secundário, com quase 40% dos alunos a chumbarem no 10º, 11º e, sobretudo, no 12º. Dezoito anos depois, o valor caiu 26 pontos percentuais.

Também no ensino básico, o sucesso aumentou consideravelmente. A trajetória descendente só foi interrompida nos anos letivos de 2011/12 e 2012/13.

### Vias profissionalizantes conquistam alunos

A meta chegou a ser ter metade dos jovens a optar por cursos profissionais e outras vias mais orientadas para a inserção no mercado de trabalho por oposição a cursos direcionados para o prosseguimento de estudos superiores (cursos gerais ou científico-humanísticos). E ainda que esta não tenha sido atingida, a distribuição de jovens do ensino secundário por tipo de oferta é hoje bastante diferente do que era há 20 anos.

Em 2000/01, a hegemonia dos cursos gerais era inquestionável, com 71% de inscritos. Atualmente e com a introdução dos cursos profissionais nas escolas públicas, a distribuição

## OS PROFESSORES COM MENOS DE 30 ANOS REPRESENTAM APENAS 1% DO TOTAL DE DOCENTES

## SÓ NOS ÚLTIMOS NOVE ANOS, O SISTEMA DE ENSINO PERDEU 427 MIL ALUNOS DO PRÉ-ESCOLAR AO 12º

passou a estar mais equilibrada. A seguir aos cursos gerais (58% de matriculados) aparecem os profissionais, que dão equivalência ao 12º ano e ainda uma certificação profissional. Um em cada três jovens opta por esta via. Juntam-se a estes 21 mil alunos nos chamados cursos de aprendizagem, uma opção para quem já tem vários chumbos no currículo e que assegura uma forte componente profissional.

### O país sem professores jovens

Não é de agora, mas o cenário de envelhecimento do corpo docente tem vindo a agravar-se, sobretudo nas escolas públicas. Em todo o ensino básico e secundário, existem apenas 1271 professores com menos de 30 anos, quando em 2000 superavam os 27 mil. Em cada ciclo de ensino, representam não mais de 1% do total do corpo docente.

Pelo contrário, nas faixas etárias mais altas, a percentagem tem subido sempre e, no caso do 2º ciclo do ensino básico, os docentes com 50 e mais anos já são a maioria. Em números absolutos, o seu número passou de 28 mil para 56 mil, com todas as consequências que daí decorrem: desgaste profissional, baixas médicas, perda de energia e força para lidar com turmas com quase 30 crianças ou adolescentes.

De acordo com estimativas do Ministério da Educação, entre 2019 e 2023 deverão sair do sistema, por atingirem a reforma, quase 11 mil professores dos quadros. Estas saídas darão origem a algum rejuvenescimento. Mas é preciso ter em conta que, no caso das vinculações dos professores com vários anos de contrato, a média de idades também não é propriamente baixa.

ileiria@expresso.imprensa.pt

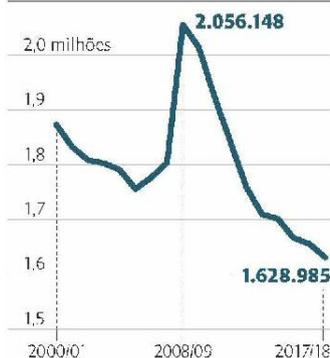
## Retratos da educação

### EVOLUÇÃO DOS ALUNOS

Em Portugal

VARIAÇÃO ENTRE 2008 E 2018

**-21%**



### TAXAS DE RETENÇÃO

Em Portugal

< 15 ANOS C/ PELO MENOS 1 CHUMBO

**30%**



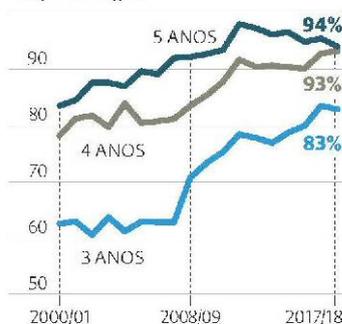
### ALUNOS POR NATUREZA DO ENSINO

Variação, em pontos percentuais, em relação a 2001/02



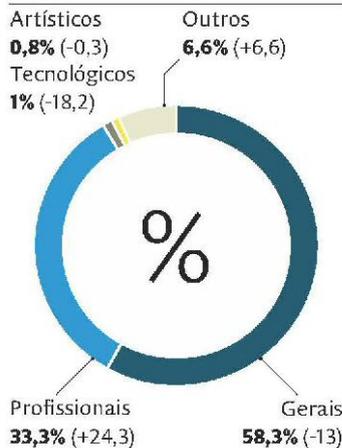
### PRÉ-ESCOLARIZAÇÃO

Em percentagem



### TIPO DE ENSINO

Cursos do secundário. Variação, em pontos percentuais, em relação a 2001/02



### PROFESSORES POR IDADE

3º ciclo e secundário



Fonte: Educação em Números - Portugal 2019. Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência

